

Não apenas o negro deposita em seus amuletos toda sua confiança, mas são de fato seus verdadeiros deuses. Nas ocasiões solenes, os bambaras adoram sob o nome de **canari** um enorme vaso de terra cheio de grigris de todas as espécies, que eles não deixam de consultar antes de empreender qualquer coisa importante.⁶

O culto se encontrando um pouco reduzido entre os povos selvagens à conjuração dos espíritos e à veneração dos amuletos, os sacerdotes não são senão feiticeiros tendo por missão entrar em ligação com os demônios tão temidos. Dito de outra forma, o culto se reduz quase que à magia. Tal é ainda hoje o caráter do sacerdócio em inúmeras nações bárbaras e de tribos embrutecidas. Os negros da Senegambia têm seus **guieultabés**,⁷ os galas têm seus **kalichas**,⁸ os caraíbas têm seus **mariris** ou **piaches**,⁹ os índios das margens do Amazonas têm seus **pajés**,¹⁰ e os do Chile seus **machis**,¹¹ os malgaxes têm seus **ombiachés** e os malaíos seus **poyangs**;¹² os insulares das Marianas tinham seus **makahnas**,¹³ os polinésios lhes davam diferentes nomes;¹⁴ todas as tribos de raças altaica e finlandesa têm seus **chamans**;¹⁵ os mongóis, posto que bu-

6 — A. Raffenel, *Viagem à África Ocidental*, p. 299.

7 — A. Raffenel, *Viagem à África Ocidental*, p. 83.

8 — W. Cornwallis Herris, *The Highlands of Ethiopia*, tomo III, p. 50.

9 — A. de Humboldt, *Viagem às regiões equinoxiais*, tomo IX, p. 51.

10 — A. Wallace, *Travels on the Amazon and Rio-Negro*, p. 499.

11 — Dumont d'Urville, *Viagem ao Pólo Sul*, tomo III, p. 270.

— J. Miers, *Travels in Chili and la Plata*, tomo II, p. 466.

12 — Ver *The Journal of the indian archipelago*, 1847, n.º 5, p. 26, 282; 1849, p. 111.

13 — D. de Rienzi, *A Oceania*, tomo I, p. 390.

14 — Esses feiticeiros ou padres polinésios se dizem em relação com os **atouas** ou espíritos. Ver Moerenhout, *Viagem às ilhas do grande Oceano*, tomo I, p. 531.

15 — Ver, sobre o xamanismo, de Wrangell, *O Norte da Sibéria*, trad. pelo príncipe E. Galitzin, tomo I, p. 268; o P. Hyacinthe, *Do Xamanismo, na China*, trad. pelo príncipe E. Galitzin, nos *Novos Anais das Viagens*, 5a. série, junho 1851, p. 287 e seguinte. Os índios da América do Norte têm igualmente seus feiticeiros-profetas. Ver G. Catlin, *Letters and Notes on the manners, customs and conditions of the North American Indians*, vol. II, p. 117.

distas, reconhecem feiticeiros do mesmo gênero que se chama **abysses**;¹⁶ numa palavra, os sacerdotes mágicos são de todos os países onde o feiticismo possui ainda lugar como religião.

Esses **sacerdotes** acumulam as funções de adivinho, de profeta, de exorcista, de taumaturgo, de médico, de fabricante de ídolos e de amuletos. Não ensinam nem a moral nem as boas obras;¹⁷ eles não estão vinculados à prática de um culto regular, a serviço de um templo ou de um altar. Não são chamados senão em caso de necessidade; mas não exercem um poder menos considerável sobre as populações nas quais possuem posição de ministros sagrados. Teme-se sua força e sobretudo seu ressentimento; tem-se uma fé ancestral em sua ciência. Esses bruxos têm de comum, no **olhar**, na atitude, não sei o que que inspira o **medo** e que age sobre a imaginação. Sem dúvida isso leva às vezes ao cuidado que eles tomam de imprimir à sua fisionomia alguma coisa de imponente ou de inacessível, mas essa expressão particular é mais freqüentemente o efeito do estado de superexcitação, mantido pelos procedimentos aos quais eles recorrem;¹⁸ eles empregam com efeito diversos excitantes para exaltar suas faculdades, para se dar uma força muscular factícia e provocar neles alucinações, convulsões ou sonhos que eles olham como um entusiasmo divino;¹⁹ pois eles são vítimas do logro de seu próprio delírio; mas mesmo quando se apercebem da impotência de suas predições, não hesitam em ser menos duros. Nisso, eles são geralmente bem servidos; os selvagens acrescentam por sua conta histórias absurdas que testemunham sua credulidade, e essas fábulas são repetidas com tanta segurança que se encontram freqüentemente europeus que, tendo residido entre eles, acabam por adquirir fé. Esse atrativo a essa mistura

16 — P. de Tchihatchef, *Viagem Científica ao Atlá Oriental*, p. 45.

17 — É o que diz notadamente dos **chamans** M. de Wrangell, o.c., tomo I, p. 267.

18 — Ver a esse respeito os detalhes curiosos dados pelo viajante Pallas em sua *Viagem*, trad. por G. de la Payronie, tomo IV, pp. 103, 104.

19 — A. Castren, *Vorlesungen über die finnische Mythologie*, p. 163.